

LEITURA LITERÁRIA E ENSINO DA LITERATURA NA ESCOLA

Gleiciane Nunes de Souza (UFAC)

gleicianops@outlook.com

Isabel Goulart Simonetti (UFAC)

Auxiliadora Carvalho (UFAC)

RESUMO

Este artigo aborda o ensino da literatura em sala de aula a partir dos gêneros textuais. Pretende-se mostrar qual a relação da leitura de textos literários com a construção da identidade e visão de mundo do aluno, procurando focar estratégias que facilitem o acesso e a compreensão de obras de qualidade. O objetivo é demonstrar que é possível construir leitores verdadeiramente mais críticos a partir do contato com textos diferenciados, desconstruindo a falsa ideia de que no ensino fundamental, basta trabalhar a partir de roteiros de leitura previamente estabelecidos, com visão mais voltada para o ensino da gramática que para a importância do discurso. As novas abordagens da literatura apontam para uma mudança nas metodologias de trabalho com o livro didático e outros materiais pedagógicos determinados a auxiliar o professor de português em sua prática. Veremos como uma aula em que o texto é “dissecado” com a participação efetiva do aluno pode surpreender muito mais quanto à amplitude de sua postura enquanto sujeito que uma mera exposição de conteúdos que não valorizam o contexto social em que ele se encontra inserido.

Palavras chave: *Leitura. Texto. Ensino. Pensamento crítico.*

1. *Introdução*

Por muito tempo a literatura tem sido desterrada em um lugar de menor importância quanto o assunto é ensinar português. Seja pela dificuldade em explorar conceitos que vão além do texto, seja pelo comodismo de alguns docentes em considerar que o contato superficial com as obras já é suficiente, a verdade é que apesar de inúmeros estudos, pesquisas e propostas de abordagens mais modernas, o ensino da literatura tem sido relegado ao acaso.

Tal fato é compreensível se observarmos a questão a partir da perspectiva do processo de ensino puramente pedagógico, que propõe a construção de sequências didáticas que tendem a privilegiar majoritariamente a transmissão de conteúdos gramaticais em prejuízo a análises e discussões de textos, atividades que demandam tempo e, para alguns, não essenciais. O resultado disso

(...) é o conhecimento desvinculado da prática, muito comum nas salas de au-

la, que limita os alunos a práticas desmotivadoras, sem sentido, e os leva a ser meros dependentes de modelos tradicionais de ensino. Afinal, tudo o que entendemos sobre o mundo é uma síntese de nossas experiências. (BARBOSA, 2004, p. 17)

Toda essa problemática, como foi dito, é compreensível, mas não justificável. O professor deve ser o responsável pela democratização do ensino e precisa, a todo o momento, buscar respostas para as perguntas: “Quais valores a literatura pode criar e transmitir ao mundo atual? Que lugar deve ser o seu no espaço público? Ela é útil para a vida? Por que defender sua presença na escola?” (COMPAGNON, 2012, p. 23)

Os *Parâmetros Curriculares Nacionais*, lançados em 1998, vieram dar um novo direcionamento às práticas pedagógicas, no entanto, no que tange à área de língua portuguesa, as orientações quanto à presença da literatura nas aulas ainda aparece de maneira um tanto vaga, cabendo ao professor a decisão de organizar o material curricular a ser desenvolvido em cada série. Essa organização, geralmente realizada com o auxílio de um pedagogo, algumas vezes resulta em planos de curso empobrecidos que não favorecem o trabalho com textos tanto quanto deveria.

Tais fatores acabam por prejudicar o desenvolvimento de habilidades leitoras fundamentais para o aluno, privando-o de qualquer possibilidade de tornar-se um leitor proficiente e deixando-o incapaz de interpretar não somente textos simples, do cotidiano, mas aspectos que o envolvem no contexto social do qual faz parte enquanto cidadão.

2. A relação leitura x visão de mundo

Uma leitura eficaz depende em grande parte da interação entre o leitor e o texto. Para que isso ocorra é necessário ativar o envolvimento do aluno com as informações contidas no texto, incentivando-o a utilizar as próprias estratégias para atingir total compreensão do que está escrito, refletir a respeito de seu próprio entendimento e associá-lo à sua prática social.

Para Harold Bloom (2011, p. 5), “uma das funções da leitura é nos preparar para uma transformação, e a transformação final tem caráter universal.” Então, por que o conservadorismo de tantos coordenadores/orientadores pedagógicos sobrevive às propostas de colocar a leitura num patamar que exija atenção dos docentes de todas as outras disciplinas? Em teoria, ensinar a ler de maneira adequada é o ponto de partida para uma aprendizagem eficiente, mas na escola depara-se com profissi-

onais pouco comprometidos com esse propósito por julgarem que essa é uma tarefa que compete unicamente ao professor de português e literatura.

A análise de algumas questões propostas para avaliar os alunos, mostra que há uma parcela de educadores em situação de despreparo para ir além do texto ou do normativismo gramatical ao elaborar perguntas descontextualizadas, que não sugerem nenhuma reflexão por parte do estudante ou que dão margens a múltiplas respostas, como no exemplo retirado de uma prova de história, cuja temática aborda a miscigenação racial no Brasil:

Questão: *A população brasileira é constituída por _____.*

Resposta do aluno: Velhos, jovens e crianças.

Note que a interrogativa apresenta deficiências e, sem o contexto adequado, favorece inúmeras possibilidades de resposta. Não houve clareza por parte do professor sobre o que ele desejava realmente avaliar. Desse modo, que parâmetro será utilizado para atribuir um nível na aprendizagem do aluno? Podemos dizer que a resposta dada por ele é errada?

Partindo dessa premissa, percebemos que se há falha quanto ao que se escreve, haverá também quanto ao que se lê. Daí a importância de promover reflexões sobre o que está escrito como forma de fomentar o processo de compreensão do aluno. Questões claras e bem direcionadas são ferramentas eficazes de avaliação. O exemplo acima poderia ser escrito dessa maneira:

As três principais raças que entraram na formação étnica da população brasileira foram _____.

Neste caso, a única resposta possível seria *o indígena, o branco e o negro*.

Reorganizar sequências didáticas, repensar o modo de avaliação e utilizar os conteúdos programáticos adequados a situações de ensino da leitura, são sugestões que podem facilitar o planejamento de métodos mais produtivos de superação de dificuldades individuais dos alunos. Segundo Barbosa,

As estratégias para se trabalhar a leitura não vêm prontas e embaladas. Elas vão surgindo à medida que se ajuda uma criança a construir o significado de um texto e, também, à proporção que se ensina a aluno a descobrir sua própria maneira de ler para que ele possa compreender melhor o sentido de um enunciado. (BARBOSA, 2004, p. 27)

A conclusão é de que há outros fatores a se considerar quanto ao ensino da leitura, em especial no que se refere à compreensão de textos de diferentes gêneros. A escola não pode se furtar à responsabilidade de formar leitores proficientes e dessa forma seguir ignorando o fato de que, segundo pesquisas do IBOPE, “dois terços da população entre 15 e 64 anos é incapaz de entender textos longos, localizar informações específicas, sintetizar a ideia principal ou comparar dois escritos” (RATIER, 2010). É, portanto, dever do educador buscar estratégias para que dados tão dramáticos deixem de ser uma realidade no panorama da educação brasileira.

3. Observação, análise e compreensão de textos literários

Um passo importante para despertar nos alunos o interesse pela leitura é promover o contato com diferentes gêneros procurando fazer com que eles busquem significado no texto. Para esse fim, a literatura aponta vários caminhos, pois, segundo Barthes (1978), ela “assume vários saberes” (p. 18), sendo que um deles, o que consideramos mais relevante, se faz a partir da própria realidade. Para o autor, dentre todas as disciplinas

(...) é a disciplina literária que devia ser salva, pois todas as ciências estão presentes no momento literário. É nesse sentido que se pode dizer que a literatura, quaisquer que sejam as escolas em nome das quais ela se declara, é absolutamente realista: ela é a realidade, isto é, o próprio fulgor do real. (BARTHES, 1978, p. 19)

Ora, se o texto literário pode conter vários saberes e simultaneamente representar o real, por que essa realidade não pode ser contextualizada em sala de aula? Acreditamos que as aulas de língua portuguesa podem ir além da aplicação de métodos tradicionais das cartilhas e do trabalho de análise linguística alheia à atribuição de significados, sem retorno por parte do aluno e fadada a tornar-se desinteressante com atividades que não ultrapassam os limites da mera leitura em voz alta. O processo de reconhecer não apenas o texto, mas o subtexto, as entrelinhas, só é possível se o aluno for capaz de atribuir sentido à leitura. E é nesse sentido que residem as forças da literatura às quais Barthes atribuiu os conceitos de *mathesis*, *mimesis* e *semiosis*.

Como proposta para uma aula em que sejam explorados estes conceitos, sugerimos a leitura e análise do conto “O homem do furo na mão”, de Ignácio de Loyola Brandão, publicado na coletânea de contos

Cadeiras Proibidas (1976), aqui indicado para turmas de nono ano do ensino fundamental. Orientamos a inserção do conto no plano de aula em formato de sequência didática, ressaltando, como aponta Barbosa, que

É de suma importância que o professor possua conhecimentos sobre leitura e competência para selecionar material adequado às possibilidades de aprendizagem dos alunos de acordo com o nível de instrução em que eles se encontram. Isso é necessário para que o aluno desenvolva habilidades e se torne um leitor autônomo e competente. (BARBOSA, 2004, p. 18)

Antes de travar qualquer contato com o texto, propomos uma problematização do tema, ou seja, é preciso trazer à tona uma abordagem contextualizada amparada nos conhecimentos prévios dos alunos, fazê-los refletir. Para isso, utilizamos uma imagem (que pode ser de uma pessoa tatuada), relacionada ao assunto do conto, que trata de um homem cuja vida se transforma devido ao surgimento de um furo, aparentemente inofensivo na mão. Conforme a história se desenvolve, percebemos que o homem se torna cada vez mais excluído e marginalizado por apresentar uma característica que não é aceita pela maioria.

Dessa maneira, o trabalho em torno da imagem, se fará de modo a conduzir uma discussão em que os alunos são desafiados a refletir sobre o ambiente em que vivem e suas próprias características, repensando as diferenças em todos os aspectos e as situações de preconceito tão comuns nos dias de hoje. Após essa roda de conversa, passaríamos para a distribuição e leitura individual e silenciosa do texto.

É importante frisar a importância da leitura silenciosa, pois este

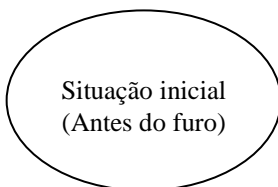
É o momento em que acontece a primeira interação com o mundo contido no texto. Inferências, hipóteses, conclusões: tudo isso deve acontecer antes em nossa cabeça, pois será fruto de reflexão, e ler é refletir. (...) Além disso, favorece uma relação mais direta leitor-autor e uma captação mais efetiva do significado do texto. (MARTINS, 2013)

A leitura compartilhada também é bastante apreciada pelos alunos, mas caso opte por essa modalidade, o professor deve fazer com que ela seja dinâmica, de modo que envolva todas as crianças e não fique a cargo de apenas uma ou duas. Nesse momento, o educador pode ainda avaliar algumas dificuldades dos alunos quanto à vocalização do texto, como desrespeito à pontuação e embaraço com palavras desconhecidas ou muito longas, aspectos que podem ser trabalhadas oportunamente em aulas posteriores.

O segundo eixo de problematização para análise do conto se dá a partir de perguntas norteadoras:

- Qual a relação da imagem mostrada anteriormente com o conto que vocês acabaram de ler?
- Há semelhanças entre a personagem da imagem e a personagem do conto? Quais?
- O texto que acabaram de ler mostra uma situação de exclusão social. Por que motivo isso acontece?
- A situação vivida no conto pode acontecer na realidade? De que maneira?

O professor pode elaborar outras questões de acordo com o desenrolar da discussão. O objetivo é fazer com que os alunos reflitam a representação da realidade e os saberes filosóficos enfatizados por Barthes e que estão contidos no conto, repensando questões como: *por que a sociedade impõe às pessoas um padrão de beleza e regras sociais pré-estabelecidas?*



A sequência de análise pode ser definida da seguinte maneira:

O personagem vivia numa zona de conforto caracterizada pela omissão da fragilidade de seu mundo. Cumpria uma rotina rigorosa, comprovadamente fiel a relógios e calendários, o que pode ser confirmado pelos seguintes elementos do texto:

- Há doze anos tomavam café juntos a ela o acompanhava até a porta. (p. 20)
- Não fazia mal, há quinze anos ele não tinha uma falta, um minuto descontado. (p. 20)
- Entraram, ele tomou banho, descansou dez minutos, como todos os dias. (p. 21)
- Pela segunda vez em doze anos saía sozinho sem ninguém para acompanhá-lo até a porta (...) (p. 22)
- Resolveu ir ao cinema. Fazia vinte a dois anos que não ia ao cinema num dia de semana, à tarde. (p. 23)

Situação intermediária
(Pouco após a descoberta
do furo)

O aparecimento do furo causou drásticas mudanças na vida do personagem. Chegando em casa, a esposa, ao tomar conhecimento do furo, assume uma postura de negação e chora ao ver o orifício na mão do marido. Posteriormente, ela acaba por abandoná-lo, passando a representar, no conto, a personificação da intolerância às diferenças. Outros acontecimentos marcam as transformações provocadas pelo surgimento do furo: o homem perde o emprego, é impedido de entrar no ônibus, expulso do teatro, proibido de sentar no banco da praça e, por fim, agredido. Todos esses eventos levam a um único e inevitável desfecho.

Situação final
(O furo na mão é um fato;
não pode ser negado)

No momento final do conto, o personagem principal já sofreu todas as manifestações possíveis de preconceito e aversão por conta de sua diferença e tornou-se reconhecidamente um sujeito marginalizado, só encontrando aceitação entre os seus iguais.

Embaixo de um viaduto, sentou-se. Vagabundos (seriam vagabundos?) tinham acendido uma fogueira. Acordou, o sol nascendo, levantou-se rápido. De pé, lembrou-se que não precisava ir ao emprego, ir a lugar nenhum. Sentou-se de novo, vendo os vagabundos (seriam vagabundos?) tomarem o que parecia café. Aproximou-se. Um deles estendeu uma lata. Quando olhou a mão do homem, viu nela um orifício de uns dois centímetros de diâmetro que atravessava da palma às costas. (BRANDÃO, 2002, p. 27)

Por fim, percebemos que todo o conflito se dá em torno do furo, que no conto pode ter inúmeras significações. Mas o que era aquela marca? “Um orifício perfeito. Como se tivesse sempre estado ali. Nascido” (BRANDÃO, 2002, p. 20). O formato arredondado do furo sugere a roti-

na cíclica da vida do personagem. É como se durante a vida inteira ele tivesse andado em círculos, indo e voltando pelo mesmo caminho repetidas vezes. O furo pode ainda representar a amplitude das diferenças, um elemento claro e questionador da distinção, do contraste e, portanto, da realidade.

“O homem do furo na mão”, por seu caráter contundente, configura-se como uma obra incômoda, inquiridora, assim como a própria literatura “considerada como uma intimidação e um fator de “fratura social”. A literatura não é a língua da alusão? Para entendê-la é preciso “estar dentro” (...). Alusão é, portanto, exclusão.” (COMPAGNON, 2012, p. 27)

Destarte, não é possível se furta ao poder transformador da literatura. É através dela que enxergamos o mundo a partir de outras perspectivas, é como enxergamos a realidade em sua aparência mais crua, tal qual o fez o homem do conto com seu buraco na mão. “Olhou através dele, acompanhando uma aleijada que caminhava na outra calçada.” (BRANDÃO, 2012, p. 21). A exemplo da personagem, a obra literária é a fresta através da qual podemos contemplar outro mundo de possibilidades, mais reais e mais palpáveis do que seriam se não houvesse a literatura ou se apenas negássemos ao aluno sua importância.

4. *Trabalhando gramática a partir do texto*

Assim como o ensino da literatura exige significação por parte do aluno, os conteúdos gramaticais também necessitam de contextos que otimizem sua apreensão. Desse modo, os referenciais curriculares orientam que estes conteúdos sejam trabalhados a partir do texto, com fragmentos de onde possam ser extraídas não somente atividades que tratem do ensino da linguagem, mas também questões desafiadoras no que tangem à compreensão do que está sendo dito pelo autor.

No caso do conto em questão, percebemos inicialmente a predominância de verbos no pretérito imperfeito, o que acentua o caráter de continuidade nas ações do personagem:

Faltavam doze para as oito, em três minutos estaria no ponto. O barbeiro estava abrindo, a vizinha lavava a calçada, o médico tirava o carro da garagem, o caminhão descarregava cervejas e refrigerantes no bar. Estava no horário, podia caminhar tranquilo. (BRANDÃO, 2012, p. 20)

De posse dos descritores de competências e habilidades presentes

nos referenciais curriculares, o professor pode elaborar itens que envolvam o conteúdo de pretérito perfeito e imperfeito, bem como propostas de produção textual em que o aluno seja desafiado a utilizar estes tempos verbais. Ressaltando que essas atividades devem ser significativas, de modo que facilitem a compreensão e favoreçam a aprendizagem do aluno, avaliando os aspectos que ainda merecem cuidados.

5. *Ler é preciso*

A importância da leitura na aprendizagem do aluno não deixa dúvidas quanto à necessidade de pôr em prática todas as ferramentas que ela nos oferece. Apesar das divergências que ainda possam existir entre ensino de literatura e ensino de gramática, os pesquisadores e especialistas assumem uma postura unânime quanto à premência de colocar as práticas de leitura como o ponto de partida para outras aprendizagens. Para Arrais,

tanto os textos orais quanto escritos devem ser objeto de estudo em sala de aula. (...) é tarefa da escola promover o contato do aluno com uma grande diversidade de textos, e textos de qualidade. A abordagem deve privilegiar gêneros que são frequentes no cotidiano. (ARRAIS, 2004, p. 215)

Para tanto, é necessário antes de tudo oferecer ao docente ferramentas facilitadoras que possibilitem o trabalho com o texto de maneira realmente efetiva, não somente para fins de práticas gramaticais e de escrita, mas também como elemento de aprendizagem das práticas orais, tendo em vista que os gêneros contidos no texto são dinâmicos e plenos de significados que podem ser explorados de modo diverso na sala de aula. É possível, portanto, e imperativo, o desenvolvimento de um olhar voltado para o uso literário da língua, pois este

é um entre vários outros possíveis. Mesmo quando utilizada em sua função predominantemente referencial, na comunicação de todo dia, a linguagem percorre registros diferentes, dependendo das circunstâncias concretas dos falantes e ouvintes. E a norma culta, ensinada pela escola representa apenas uma possibilidade entre outras do seu uso. (LEITE, 2012, p. 18)

O texto literário pode vir a ser parte da linguagem das crianças desde os primeiros contatos com a leitura e precisa ser ensinado de maneira desmistificada e livre dos padrões anuais baseados num levantamento de níveis de habilidades não alcançadas que vai do mais simples ao mais complexo. A prática de leitura deve resultar numa experiência concreta e significativa, pois uma vez que se expõe objetivos diferenciados e desafios que podem ser superados pelos alunos, tanto maior é sua

conexão com o texto e a possibilidade de que eles se tornem leitores assíduos e, neste aspecto, é fundamental a participação do professor. Para Geraldi (2012),

A quantidade ainda pode gerar qualidade. Parece-me que deveremos enquanto professores- propiciar um maior número de leituras, ainda que a interlocução que nosso aluno faça hoje com a leitura esteja aquém daquela que almejaríamos: afinal, quem é o leitor, ele ou nós? (GERALDI, 2012, p. 99)

Dialogando com esta ideia, Lírio (2008, p. 4) afirma que

Ao educador compete, deste modo, um esforço de se especializar no ensino da leitura, já que a mesma serve como instrumento de transformação socio-cultural. Compete ainda, a clareza de seu papel em desmistificar este “bicho-papão” e de se tornar um provocador de *situações* e formulador de problemas, deixando de ser um mero transmissor de conhecimentos pré-estabelecidos.

6. Conclusão

Sendo assim, não há que se pensar que as atividades que envolvem o desenvolvimento de competências leitoras, por mais simples que possam parecer, não trarão resultados positivos para o aluno. É através da leitura que a criança estabelece contato com outra visão de mundo, é pelo ato de ler que desenvolve a imaginação e questiona os problemas sociais, se humaniza, em contextos diversos para, então definir-se enquanto sujeito capaz de gerar mudanças, pois, mais que uma ciência do texto, a literatura é a busca contínua e incessante pela construção de nossa própria identidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRAIS, Rochelly Primo. Do texto à análise linguística. In: NUKÁCIA, Almeida; ZAVAM, Áurea (Orgs.). *A língua na sala de aula: questões práticas para um ensino produtivo*. Fortaleza: Perfil Cidadão, 2004.

BARBOSA, Déborah Márcia de Sá. O ensino de leitura: ampliando a habilidade leitora dos alunos In: ALMEIDA, Nukácia; ZAVAM, Áurea (Orgs.). *A língua na sala de aula: questões práticas para um ensino produtivo*. Fortaleza: Perfil Cidadão, 2004.

BARTHES, Roland. *Aula*. Trad.: Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1978.

BLOOM, Harold. *Como e por que ler*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

BRANDÃO, Ignácio de Loyola. O homem do furo na mão. In: _____. *Caideiras proibidas*. 9. ed. São Paulo: Global, 2002.

COMPAGNON, Antoine. *Literatura para quê?* Belo Horizonte: UFMG, 2012.

GERALDI, João Wanderley. Prática da leitura na escola. In: GERALDI, João Wanderley (Org.). *O texto na sala de aula*. São Paulo: Anglo, 2012.

LEITE, Lígia C. de Moraes. *Gramática e literatura: desencontros e esperanças*. In: GERALDI, João Wanderley (Org.). *O texto na sala de aula*. São Paulo: Anglo, 2012.

LÍRIO, Rita. A inadequada escolarização do texto literário. *Revista Direcional Educador*, nov. 2008.

MARTINS, Ode. *A importância da leitura silenciosa*. Disponível em: <<http://odemartins.blogspot.com.br/2013/05/a-importancia-da-leitura-silenciosa-e.html>>. Acesso em: 27-04-2014

RATIER, Rodrigo. O desafio de ler e compreender em todas as disciplinas. *Revista Nova Escola*. São Paulo: Abril, 2010. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/formacao-continuada/desafio-ler-compreender-todas-disciplinas-525311.shtml>>. Acesso em: 27-04-2014.